

PREFACE / PREFÁCIO

ESSAYS ON METAPHOR IN LANGUAGE AND THOUGHT

(Ensaaios sobre a metáfora na linguagem e no pensamento)

Paula Lenz Costa Lima (UECE-CE/Brazil)

Ana Cristina Pelosi Silva de Macedo (UFC-CE/Brazil)

Emilia Maria Peixoto Farias (UFC-CE/Brazil)

Desde o início dos anos 90, o fenômeno da metáfora em termos de seu papel cognitivo tem chamado a atenção de um número cada vez maior de estudiosos Brasileiros. Contudo, somente em 2002, ocorreu o primeiro congresso voltado para essa temática, organizado por Mara Sophia Zanotto, na PUC (Pontifícia Universidade Católica), São Paulo, que contou com um público em torno de 80 pesquisadores, em sessões plenárias. Desde, então, muitos estudiosos brasileiros têm participado de discussões importantes sobre a metáfora na linguagem e no pensamento em várias partes do mundo, aumentando a cada dia o interesse pelo tema no país. Apenas três anos depois do I Congresso Internacional sobre a Metáfora na Linguagem e no Pensamento (I CMLP), a segunda conferência, organizada por Solange Vereza na UFF (Universidade Federal Fluminense), Rio de Janeiro, ganhou dimensão de um grande evento, com várias mesas redondas, sessões individuais de comunicação, oficinas e plenárias, reunindo uma audiência duas vezes maior que a de participantes do I CMLP, contando com a presença maciça de estudantes.

A proposta para a realização do III CMLP em Fortaleza, em 2008, foi levantada durante o IICMLP e finalmente assinada em Leeds, Inglaterra, em 2006, durante o RaAM6, pelos vários estudiosos brasileiros que lá se encontravam. Estava claro para o grupo que o evento deveria se manter a cada três anos, com o intuito de promover oportunidade ao crescente número de pesquisadores brasileiros e especialmente estudantes de pós-graduação de ter contato com uma gama variada de pesquisas correntes na área, assim como interagir com acadêmicos de renome internacional.

Como nos congressos anteriores, o foco do III CMLP foi promover um ambiente dinâmico para discussões reflexivas sobre o papel que a metáfora

desempenha na estruturação do pensamento e na motivação da linguagem cotidiana. A atmosfera descontraída e amigável da conferência de três dias propiciou discussões animadas e produtivas, tanto durante os debates depois das apresentações, quanto em situações mais informais durante o evento, entre seus mais de 200 participantes.

Agradecemos à revista DELTA pela oportunidade de publicar, neste número especial, artigos que resultaram de trabalhos apresentados em plenárias e mesas redondas durante o IICMLP. Embora a maioria desses artigos focalize o papel que a metáfora desempenha em estruturar e organizar o pensamento e como isso é evidenciado na linguagem, há também artigos cuja ênfase é no papel que a linguagem e o discurso parecem ter na constituição da figuratividade.

Um marco crucial no estudo da metáfora de uma perspectiva cognitiva foi estabelecido por Lakoff e Johnson, em 1980, com a publicação do seu livro revolucionário – *Metaphors We Live By* (traduzido para o português como *Metáforas da Vida Cotidiana*), conforme será visto na maioria dos artigos que compõem o presente volume. Embora o interesse em se estudar a metáfora como uma ferramenta cognitiva e não somente como uma figura de linguagem, já estivesse presente em trabalhos que datam dos anos setenta ou anteriores (ver, por exemplo, o artigo de Reddy publicado em 1977), o trabalho de Lakoff e Johnson de 1980 foi o primeiro a apresentar um relato sistemático sobre a linguagem metafórica a partir da perspectiva de que as chamadas metáforas eram expressões linguísticas licenciadas por metáforas conceituais, ou mapeamentos conceituais.

De acordo com essa visão, o pensamento humano é em grande parte estruturado de forma metafórica. A teoria avança a idéia de que tanto a linguagem verbal quanto a não-verbal usada para expressar percepções e sentimentos, assim como a linguagem corriqueira do dia-a-dia, são significativamente ligadas à nossa capacidade de conceber uma coisa em termos de outra (eventos, entidades, conceitos). A Teoria da Metáfora Conceitual tem, ao longo dos anos, dado origem a um vasto número de estudos que se preocupam em estudar a inter-relação entre pensamento e linguagem.

Apesar do sucesso alcançado, a teoria de Lakoff e Johnson foi significativamente revisitada na década seguinte, especialmente, durante os anos de 1997 e 1999, por meio de uma série de estudos do que veio a chamar-se metáfora primária. O trabalho de Joseph Grady (1997), que lançou a *Hipótese da Metáfora Primária*, é digno de nota, uma vez que busca dar conta de um tipo mais básico ou primitivo de metáfora, que emerge por meio de um processo de

aprendizagem neural, resultante de experiências fortemente correlacionadas de naturezas distintas (uma perceptual: o domínio fonte; e uma conceitual, ou de resposta cognitiva ao *input* perceptual: o domínio alvo). A repetição contínua de certas experiências, na visão de Grady, tais como levantar objetos e sentir a dificuldade ou facilidade de levantá-los, estabelece uma correlação forte entre domínios diferentes, o que nos leva a entender conceitos mais abstratos (e.g. dificuldades), em termos de outros mais concretos (e.g. pesos). A co-ativação de domínios neurais de naturezas diferentes (perceptual/conceitual) origina as metáforas conceituais primárias.

Os artigos apresentados a seguir discorrem, em grau maior ou menor, tanto em base teórica quanto experimental, sobre pesquisas que se relacionam com a Teoria da Metáfora Conceitual nas perspectivas de 1980 e/ou 1997, outros enfocam o papel que o discurso parece desempenhar na constituição da figuratividade. No entanto, embora estejam ordenados pelo primeiro nome do primeiro autor, os artigos seguem uma certa sequência temática. Enquanto os seis primeiros discutem mais pontualmente o papel do corpo na cognição, os demais exploram a relação entre metáfora, sentido e discurso, sob perspectivas diferentes e com propósitos diversos.

Alfonso Santarpiá, R. Venturini, A. Blanchet e M. Cavallo abrem esta coletânea com o ensaio intitulado **Conceitualizações Metafóricas do Corpo na Psicopatologia e na Poesia**, no qual procuram identificar e categorizar diferentes tipos de conceitualizações do corpo, a partir de um corpus formado por manuais profissionais e obras clássicas da Psicoterapia Francesa e Italiana, assim como poemas italianos clássicos, com o objetivo de ajudar terapeutas a entender e a construir uma intervenção psicoterapêutica de seus pacientes. Os autores defendem que essa categorização, realizada nas perspectivas da Teoria da Metáfora Conceitual e da Teoria da Simulação Limitada pelo Contexto, provê uma alternativa para descrições anatômicas do corpo – a “Construção Literária do Corpo” – que pode ser útil para a compreensão de sentenças literárias em contextos clínicos.

Emilia Maria Peixoto Farias e Paula Lenz Costa Lima, em **Metáfora e Ensino de Língua Estrangeira**, dão atenção especial ao estudo da metáfora conceitual como uma ferramenta importante que pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem de vocabulário em língua estrangeira. Com foco na dimensão de variações relativas ao conceito RAIVA e ao uso do substantivo CABEÇA, em português e em inglês, as autoras argumentam que a consciência da motivação e criação dos significados pode facilitar a aquisição de vocabulário por aprendizes de línguas.

O propósito do trabalho de Helena Martins intitulado **Wittgenstein, o Corpo, suas Metáforas** é prover, por meio de uma discussão à luz das Teorias Contemporâneas da Metáfora de base não fundacionalista, elementos para que se repense a relação entre o corpo e a metáfora. A autora explora, em especial, a crítica de Wittgenstein a respeito das dicotomias mental/físico, interior/exterior, argumentando que o experiencialismo é em última análise ligado a uma perspectiva fundacionalista.

Heloísa Pedroso de Moraes Feltes, no artigo **Corporificação na Linguística Cognitiva: do experiencialismo à neurociência computacional**, reflete sobre o caráter da corporificação na Linguística Cognitiva. Iniciando com o ponto de vista experiencialista de que a metáfora é um mecanismo neural, a autora discute a Teoria Neural da Linguagem e argumenta que o paradigma proposto pode ser problemático, carecendo de discussões demonstrativas mais detalhadas. Feltes defende que a Linguística Cognitiva não precisa implementar o conexionismo estrutural ou simulação neurocomputacional e que a corporificação deveria ser tratada como uma interface entre domínios de investigação, e não como níveis de um paradigma de traços reducionista.

Por outro lado, Kanavillil Rajagopalan, em **“Corpor(e)alidade” nos Estudos da Metáfora: porque é tão fácil perder o ponto**, levanta a necessidade urgente de reavivamento do termo *corporal* (“corporeal”)/*corporalidade* (“corporeality”), para que se restaure sua motivação original e se enfatize seu potencial revolucionário. De acordo com o autor, *a noção de corporalidade* (“corporeality”), *comumente usada nas discussões sobre mente, linguagem e como a metáfora funciona na vida real, é mais adequadamente compreendida em termos de corpo-r(e)alidade* (“corpo-reality”) *que de corpor(e)al-idade* (“corporeal-ity”). A restauração dessa visão revolucionária requer, como afirma Rajagopalan, uma revisão cabal de muitos dos nossos dogmas solidamente entrincheirados.

Luciane Corrêa Ferreira, em seu artigo **Aplicando a Metodologia da Linguística de Corpus à Pesquisa Psicolinguística**, apresenta os resultados de uma investigação empírica sobre a hipótese de que aprendizes de uma língua estrangeira usam sua experiência corpórea quando tentam compreender uma metáfora linguística. A autora realizou experimentos com 221 estudantes brasileiros aprendizes de Inglês e comparou os resultados com o desempenho de 16 estudantes americanos e dados coletados no WebCorp.

As discussões sobre metáfora e discurso iniciam-se com o ensaio de Lucienne C. Espíndola, intitulado **Funções Semântico-Discursivas de Expressões Linguísticas que Materializam Metáforas Conceituais em**

Gêneros Discursivos, no qual analisa expressões linguísticas que materializam metáforas conceituais em diferentes gêneros discursivos, buscando a(as) função/funções semântico-discursiva(s) de tais expressões. Os achados da autora demonstram que as funções semântico-discursivas destas expressões dependem da função social do gênero.

Lynne Cameron, em **Respondendo ao Risco de Terrorismo: a contribuição da Metáfora**, investiga como as pessoas no Reino Unido conceitualizam o risco de terrorismo, para explorar o potencial que o conhecimento de tais conceitualizações tem em tornar a comunicação sobre o perigo mais efetiva e mais sensível à natureza diversa daquela população. A partir da análise do discurso de 96 informantes, que participaram de discussões em 12 grupos focais, organizados por gênero, religião (mulçumano/não mulçumano) e status sócio-econômico, a autora identificou que, ao invés da metáfora **TERRORISMO É GUERRA** geralmente encontrada em outros estudos sobre a mídia e o discurso político, as pessoas comuns usam metáforas tais como **TERRORISMO É UM JOGO DE AZAR**, **TERRORISMO É O MUNDO NATURAL** e **TERRORISMO É TEATRO**.

Mara Sophia Zanotto apresenta parte dos resultados do seu projeto sobre as várias leituras de metáforas em textos literários no ensaio **As Múltiplas Leituras da 'Metáfora' em Sala de Aula: a co-construção de cadeias inferenciais**. Utilizando as técnicas interpretativa e do pensar em voz alta em um grupo de leitores, a autora analisa as interpretações dadas pelo grupo para o poema *a Montanha Pulverizada* de Drummond, demonstrando que o aparente caos trata-se, na verdade, de cadeias inferenciais co-construídas por processos metafóricos e metonímicos.

Maria José Bocorny Finatto, em **Metáforas em Linguagens Técnicas e Científicas: desafios e perspectivas**, defende que já é hora de os terminólogos investirem em estudos sobre o ambiente linguístico e cognitivo da comunicação técnico-científica. Contrária às ideias clássicas, a autora enfatiza que os estudos correntes sobre a metáfora têm mostrado que ela realmente desempenha um papel em textos especializados, destacando alguns resultados da pesquisa de Huang (2005) sobre metáforas em textos científicos na área da medicina e *aids*, os quais revelam que as terminologias envolvem associações metafóricas em suas denominações e definições.

O propósito de Raymond W. Gibbs Jr, em **As Complexidades Dinâmicas da Interpretação Metafórica**, é mostrar que a interpretação de metáforas depende de uma vasta gama de fatores que interagem uns com os outros de

maneiras complexas, dinâmicas e, muitas vezes, não lineares, de tal modo que não é nem possível se determinar o significado de uma metáfora específica nem de tê-la interpretada da mesma maneira por todos. O autor defende que essas complexidades deveriam ser levadas em consideração nos estudos sobre o significado e a compreensão de metáforas, de forma a caracterizar sistematicamente as experiências metafóricas das pessoas.

Em consonância com o artigo anterior, mas principalmente voltado para a relação entre corpo e cognição, Raymond W. Gibbs Jr e Ana Cristina Pelosi de Macedo, em **Metáfora e Cognição Corpórea**, descrevem achados experimentais de pesquisas recentes nas ciências cognitivas que, em linha com os trabalhos contemporâneos sobre a metáfora corpórea na linguagem e no pensamento, mostram haver uma associação íntima entre a percepção humana, o processamento conceitual, a constituição de imagens mentais, o processamento da memória e da linguagem e a habilidade humana para agir no mundo real. Os autores também apresentam seus resultados de uma série de experimentos que investigam a compreensão corpórea que as pessoas têm da metáfora primária **DIFICULDADES SÃO PESOS**.

A questão da interpretação da metáfora também é discutida por Solange Coelho Vereza, no artigo intitulado **Articulando as Dimensões Discursivas e Conceituais da Linguagem Figurativa em Textos Argumentativos**, no qual argumenta que a metáfora no discurso requer um olhar mais abrangente nas características do contexto e co-texto de sua ocorrência, algo que não tem sido abordado por estudiosos contemporâneos da metáfora tão extensivamente. A autora propõe uma unidade de análise discursiva, i.e. o nicho metafórico (cadeias ou redes figurativas) por meio das quais os acarretamentos discursivos de textos argumentativos são revelados.

Em linha semelhante seguem os dois últimos artigos deste volume, de Zoltán Kölvöcses. No primeiro, **Metáfora, Criatividade e Discurso**, Kölvöcses argumenta que a criatividade metafórica surge não apenas dos processos cognitivos relativos à extensão, elaboração, questionamento e combinação de conteúdos conceituais no domínio fonte, mas, deriva igualmente de fatores contextuais, tais como o próprio contexto linguístico imediato, o que as pessoas sabem sobre as principais entidades participantes do discurso, o cenário físico, o cenário social e o contexto cultural imediato. Tais metáforas têm sido descritas pelo autor como metáforas induzidas pelo contexto.

No segundo artigo, **Metáfora, Linguagem e Cultura**, Zoltán Kölvöcses defende que a construção do significado deveria ser a questão central no estudo

da cultura e da linguagem, visto que há conexões óbvias entre elas em vários conceitos metafóricos. O autor argumenta que as culturas podem diferir no uso de alguns dispositivos de construção do significado, tais como orientação espacial de objetos circundantes, categorizações baseadas em *frames* e similaridade, representação do conhecimento na mente, e que essa variedade pode produzir diferenças no uso de categorias e da língua em geral.

Finalmente, esperamos que os ensaios contidos neste número especial da DELTA possam contribuir para manter acessa a chama de interesse nessas facetas encantadoras da linguagem e do pensamento.

E-mails
plenz@uece.br
pelosi@ufc.br
emiliapfarias@gmail.com